

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portuguezes

	ANNO I — N.º 4	ABRIL — 1908	
SUMMARIO			
<p>JOSÉ LUIZ MONTEIRO — A CASA BIESTER — <i>Dr. José de Figueiredo.</i></p> <p>A CASA BIESTER — Projecto do Architecto <i>José Luiz Monteiro.</i></p> <p>INTERCALARES VII E VIII, DO PROJECTO.</p>			
	ASSIGNATURA PAGAMENTO ADIANTADO		
Trimestre	900	<i>Para os países da União Postal</i>	
Semestre	15800	Anno	43500
Anno	35600	Anuncios pela tabella, conforme o espaço.	
Avulso	400		

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

Composto e impresso no
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL

Rua da Conceição da Gloria, 76 a 80

1908

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

PORTUGUEZA

Director-proprietario: MARIO COLLARES

Secretario da redacção: MARIO A. S. DUARTE

Composto e impresso no Centro Typographico Colonial—R. Conceição da Gloria, 78 e 80
Photographias de Arnaldo da Fonseca — Gravuras de Pires Marinho & C.ª

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.ª — LISBOA

Luiz José Monteiro

A casa Biester

Abramos com um pouco de historia. Não está ella, n'este capitulo especial da arte (architectura), muito vulgarizada, e é essencial para perfeito conhecimento do architecto sobre cuja obra somos chamados a escrever. A grandeza do artista avolumará erguida no meio em que cahiu no seu regresso do estrangeiro. E esse meio era, embora isso pareça impossivel, bem mais difficil e duro do que o d'agora. Historiemos pois.

Feita, definitivamente, no fim do seculo XVII, a paz com a Hespanha, o movimento de arte que tão alto se levantara nos seculos XV e XVI e que, depois, quasi morrera com a perda da nossa independencia, começa então de novo a esboçar-se, afirmando-se, mais victoriosamente, no reinado de D. João V. As tendencias artisticas d'esse Rei, facilitadas com as riquezas fabulosas que nos vinham do Brazil, permitiram que a arte, ainda pouco menos que agonisante n'essa epoca, levantasse um novo vôo, que pena foi fosse em breve cortado de novo.

Na architectura, o austriaco italianizado Ludovice e o sennese Nazoni foram, respectivamente, os dois pontifices no sul e norte do paiz. Mafra vê então crescer a sua monumental basilica, como o Porto vê erguer-se a sua admiravel Torre dos Clerigos. E á volta d'estes artistas, e, na sua esteira, desenha-se todo um movimento de arte architectonica, manifesta já em grandes construcções como a igreja da Estrella, já em edificios mais maneiros para que Ludovice tinha dado o exemplo, construindo a sua casa de S. Pedro d'Alcantara, e Nazoni levantando o soberbo palacio do Freixo (1) e a mais modesta, embora ainda opulenta, casa da Prelada.

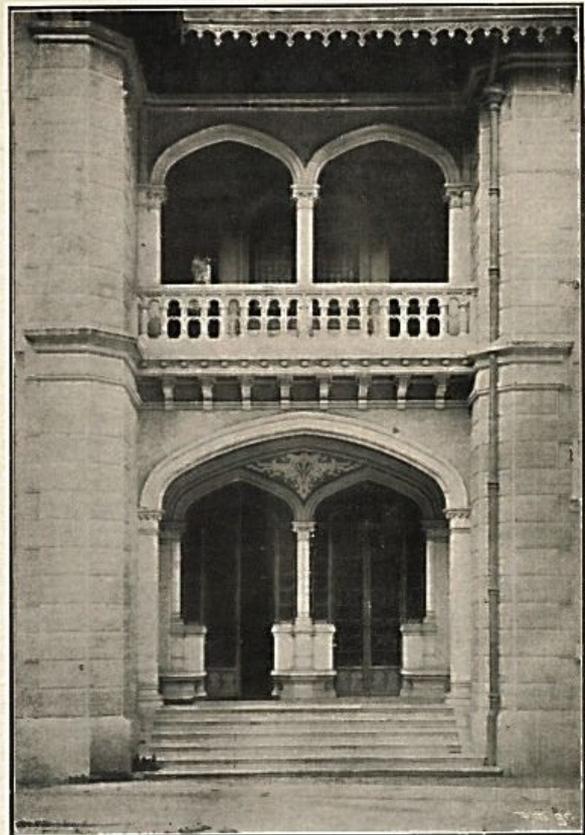
Depois, vem o triumpho da escola romana. Vence exclusivamente a geometria, e o constructor inspira-se nas mesmas seccas regras, quer levante um aqueducto, desenhe uma perspectiva ou delinee uma praça. Mas, ainda ahi, mesmo n'essa interpretação demasiado elemental d'uma arte tão rica de tradições, ha uma certa grandeza, e tanta que, algumas decadas passadas, surge d'ella uma deliciosa flôr, o neo-classicismo que, além d'outros, tem em Lisboa dois bellos exemplares: o theatro de D. Maria II e o Arco da Rua Augusta.

Mas é o ultimo arranco. D'ahi por deante, a asphyxia é ainda mais completa. Não contando os esforços nem sempre bem orientados de Possidonio, até ao pequeno movimento de arte em que labutaram, no começo da segunda metade do seculo XIX, Parente e outros, e ainda mesmo depois d'esse movimento, pôde dizer-se que, em Portugal, se não constroem, mas sim que se destroem. A mesma mão que empunha o theodolito é a que ergue o camartello, e a maior parte do pouco que nos resta do terramoto de 1755 cahe de vez, ou destruido por completo ou, o que ainda é talvez peor, desfigurado pelos tractos de polé a que a Obra Publica triumphante submete então tudo o que lhe é entregue. O inventario d'esses vandalismos, hoje ainda mais augmentados, era já então de

aterrar. Herculano, rememorando-os, verbera-os mais d'uma vez com a maior indignação.

*
*
*

E', n'esta occasião, que regressa do seu pensionato Luiz Monteiro. José Antonio Gaspar precedera-o uns poucos de annos, mas, quando Monteiro entrou para a Escola, em 1882, Gaspar abandonou-lhe a cadeira de architectura. A sua acção, como professor d'essa cadeira, foi por isso, embora proficua, curta, mal tendo tempo para transformar o ensino do velho Costa Sequeira e Pires da Fonte (respectivamente substituto e effectivo d'essa cadeira) n'um ensino moderno e racional. Essa tarefa veio a caber a Luiz Monteiro. E Monteiro desempenhou-se d'ella com excepcional brilho. Basta lembrar a lista dos seus discipulos que é já hoje longa, e em que ha nomes em destaque como os dos srs.: Alexandre Soares, Norte Junior, Alvaro Machado, Leonel Gaya, Evaristo Gomes, Parente (filho), etc.

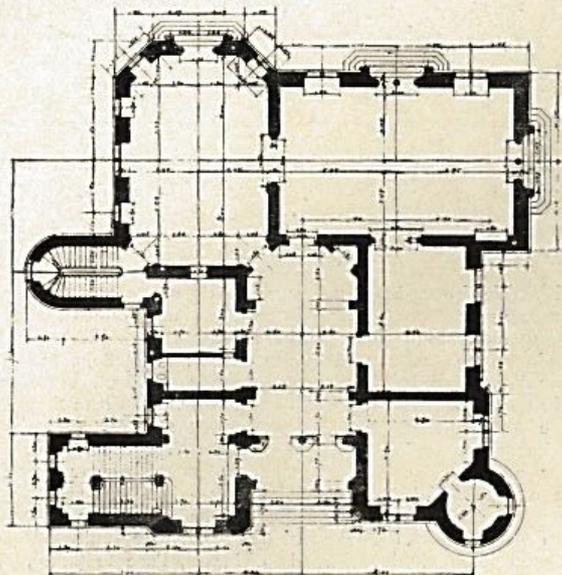


Entrada principal

Não esquecendo Gaspar, a Escola de Bellas-Artes do Porto que nos deu Ventura Terra, Adães Bermudes, Marques da Silva e José Teixeira Lopes, dois artistas creados fóra das nossas Escolas:

(1) N'um trabalho que temos em preparação, provamos ser este palacio obra do architecto da Igreja e Torre dos Clerigos.

Raul Lino e Villaça, e ainda alguns artistas estrangeiros que para aqui vieram ha longos annos, como Bigaglia e Ianz (este já fallecido), pôde dizer-se que grande parte do movimento architectonico moderno nos veiu de Luiz Monteiro. Elle foi, pelo menos, o principal precursor. Ventura Terra, com a sua força de vontade e tenacidade de minhoto, tem sido um formidavel luctador, mas quando chegou já encontrou em parte o caminho desbravado.



Planta do andar nobre (rez-do-chão)

Mas a acção de Luiz Monteiro não fica só aqui. Ultrapassa os limites da Escola. E se, fóra d'ella, não é tão larga como podia ser, dado o alto valor do artista, ainda assim afirma-se em trabalhos de tal valia que elles, por si só, bastariam para o consagrar definitivamente.

Os mais importantes são: a «Estação Central dos Caminhos de Ferro», em Lisboa, e o «Hotel Internacional», constituindo estes dois edificios um conjuncto. E o problema que essa ligação trazia, pela diversidade dos estylos d'esses dois edificios, era tão difficil e foi tão superiormente tractado, que só isso dá a medida do seu valor. A maneira como, na parte reintrante em que o Hotel se liga á Estação, o architecto fez essa transição, esbatendo-a de fórma a cortar a dureza do contraste, está acima de todo o elogio. E, sem querer esmiuçar porque isso levarnos-hia longe, o que resalta entretanto, ainda aos que menos habituados estejam a vêr estas coisas, é o mimo com que todos os pormenores d'esses dois edificios estão tratados. O artista não se limitou ao effeito do conjuncto. Antes, sem o desprezar e sem esquecer a racionalidade da planta, que é ali, como deve ser sempre, a causa primaria, cuidou amorosamente do detalhe, fazendo do mais pequeno trecho uma valiosa obra d'arte.

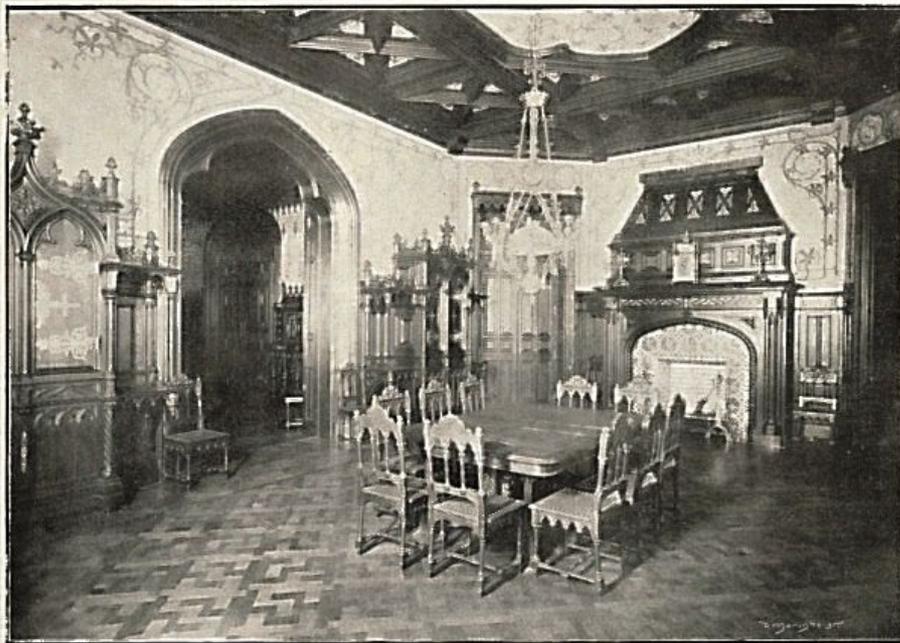
Na Estação Central, estas qualidades perdem-se um pouco pela má realisação que os canteiros, na sua maior parte francezes, deram á obra do architecto. O manuelino, cuja tradiçãõ se tem mantido sem interrupção entre nós, só poderia ser interpretado por levrantes nossos, de posse da maneira e sentimento especial a essa modalidade de arte. Assim, o architecto foi duas vezes sa-

crificado. A primeira, quando para a Estação lhe impuzeram o estylo manuelino, illogico e archaico para um edificio com tal destino; a segunda, quando deram de empreitada a construcção do seu projecto ao francez Bartissol. Monteiro, mais d'uma vez, aconselhou os operarios a visitarem os Jeronymos. Mas, em vão. Elles, se lá foram, nada aproveitaram com as visitas. O seu corte continuou a ser secco, duro, em opposição ao corte arredondado, e, por assim dizer, gordo, dos canteiros da epocha manuelina.

Além d'esses dois edificios, Monteiro construiu ainda, entre outros, o palacete do sr. Manuel de Castro Guimarães, realisando as suas fachadas com maior ou menor vigor, em relação á distancia a que a disposição especial do terreno impunha que fossem olhadas, e interveio na construcção de outros, como na da casa da Senhora Condessa de Thomar, na Cruz Quebrada. Mas, os proprietarios intelligentes como o fallecido Conde de Thomar eram poucos, e a maior parte da obra de Luiz Monteiro tem por isso, e infelizmente, que ser vista no papel.

A lista dos seus projectos é longa, e toda o mais valiosa possivel. Durante o pensionato, além do projecto da fonte monumental que lhe mereceu o premio «Rougevin» e de outro projecto que lhe valeu, em 1877, um outro premio pecuniario, distincções estas raramente concedidas a architectos estrangeiros, Monteiro projectou varios edificios com tal louvor da parte do seu mestre, o grande architecto Pascal, que foi por isso, mais d'uma vez, escolhido por elle para seu collaborador. No edificio da Faculdade de Medicina de Bordeaux, uma das obras mais notaveis de Pascal, ha muito trabalho de Monteiro.

Monteiro estaria hoje rico e teria nome universal se tivesse ficado em França. Mas, veio para Portugal e Portugal pagou-lhe como se tem visto. Não o enriqueceu nem glorificou. Limitou-se, uma ou outra vez, a encomendar-lhe projectos, que, ou nunca passaram d'isso, como o attestam, por exemplo, os mezaninos que, na Rua Barata Salgueiro, indicam o logar onde devia construir-se a grande Escola testada por aquelle advogado, ou, ainda peor, encommendou-lh'os, approvou-lh'os e... alterou-lh'os! como fez ao seu projecto para o Lyceu de Jesus, projecto d'uma grande logica em fórma trapezoidal, que tem sido, successivamente, modificado, e cada vez para peor, pela Obra-Publica, hoje, como hontem, poderosa e triumphante.

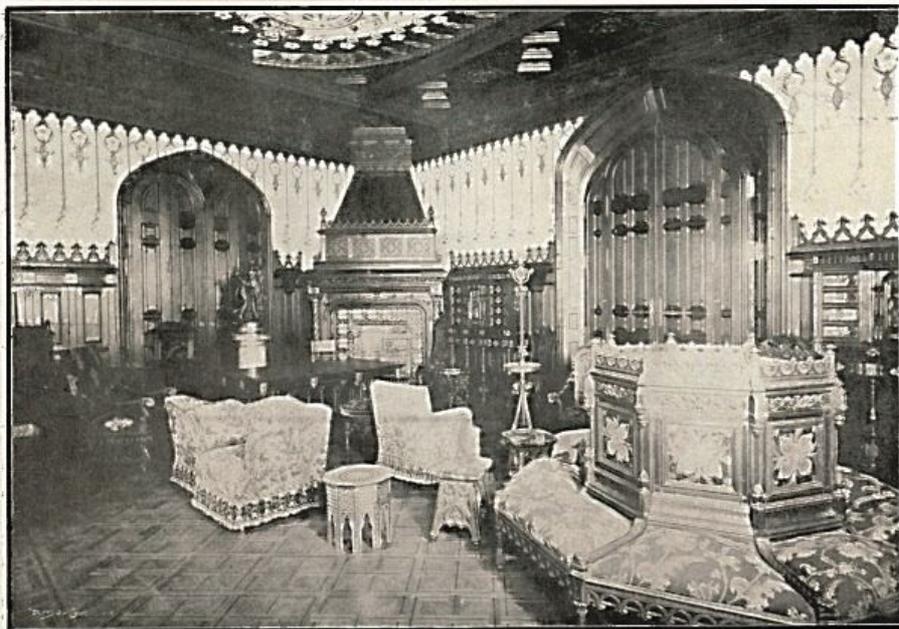


Casa de jantar

Cumpra ainda não esquecer pequenos detalhes em que, como architetto da Camara, Luiz Monteiro tem sido chamado a intervir, e que todos accusam a sua mão de mestre. Occorrem-me os bancos neo-pombalinos que guarnecem o Terreiro do

Paço. Já houve quem clamasse por se ter gasto tanto dinheiro com bancos votados a tão mau publico. Mas, o que esse alguém parece esquecer é que, em qualquer praça, mas sobretudo numa de tal importancia, quaesquer bancos que se

que os nevoeiros frequentes não recommendam muito a utilização dos telhados abatidos dos paizes meridionaes. E a sua linha ousada, essa casa-se o melhor possível com o ambiente d'esse rincão que, no seu accidentado violento e no compacto e escuro da sua vegetação, mais parece um retalho da Suissa do que um accidente, ainda que pouco vulgar, da nossa suave orographia costeira.



Salão

construissem tinham duas funções a desempenhar: uma, util, e outra decorativa. Luiz Monteiro, como architecto, olhou a ambas. Fez o que devia.

São ainda de Luiz Monteiro os candieiros que rodeiam o monumento da Avenida da Liberdade. No genero, são uma verdadeira obra d'arte, e lembram com saudade a quem tem de olhar os que, sem nenhum respeito pela magestade do local, a camara comprou a qualquer industrial e mandou erguer em volta do monumento a D. José. Se fossem obra do governo, não nos admiraria. A direcção artistica do Ministerio das Obras Publicas, emquanto não pertencer exclusivamente a architectos, não nos dá direito a esperar outra coisa. Mas, a Camara Municipal, com o sr. Luiz Monteiro á mão, podia bem dar-se, ao menos, ao trabalho de o consultar.

E' tambem de Monteiro a grade que veda o Parque Palmella, em Cascaes. Visinha de uma interessante construção em pedra rustica, que é inteiramente devida a Monteiro: a Casa Faial, essa grade, nem por isso, deixa de interessar junto d'essa outra obra de bem maior importancia. Monteiro tinha a resguardar esse parque, que a proprietaria queria que fosse para gozo de todos, d'uma forma por assim dizer symbolica, sem comtudo deixar de lhe dar o volume que lhe era imposto pelo relativo vigor da construção que a grade tambem ia envolver, e Monteiro conseguiu-o felicissimamente. A verdadeira renda de ferro que delineou, e que corre quasi rez vez com a linha ferrea, é uma pequena obra prima.

* * *

Como quasi sempre que construiu, Monteiro não pôde, infelizmente, projectar a casa Biester em inteira liberdade. O proprietario impoz-lhe um estylo: o que os iuglezes chamam *Queen Anne*, que é afinal uma combinação *sui generis* romano-gothica. Mas Monteiro, sem deixar de cumprir o programma, fel-o com tal independencia que a casa Biester é apenas uma interpretação d'aquelle estylo e não a sua applicação.

Assim, essa casa cresce, no morro em que se ergue, como no seu meio proprio. Os seus tectos, ou levantados em cutello ou rompentes em agulha, e mais proprios de paizes de neve, cahem, apezar d'isso, bem ali, n'esse tracto de montanha, em

Visivel de qualquer lado de onde seja olhada, já pela situação que lhe deu Monteiro, já pela maneira por que o illustre jardineiro-paysagista Nogrê traçou o parque, a casa Biester, com o seu ar gracioso de redução de castello antigo, dá, entretanto, bem a impressão de estabilidade e força que o ambiente e a sua importancia requeriam. Os seus tons são apagados, severos. Não ha nada que grite, destoando da paz deliciosa do logar, que tem o seu quê de eremitério fidalgo. Depois, para maior harmonia, essa construção, como a natureza que a rodeia, é rytmica e varia. Todas as suas fachadas se combinam e fundem, como partes integrantes do mesmo todo; mas nenhuma é igual.

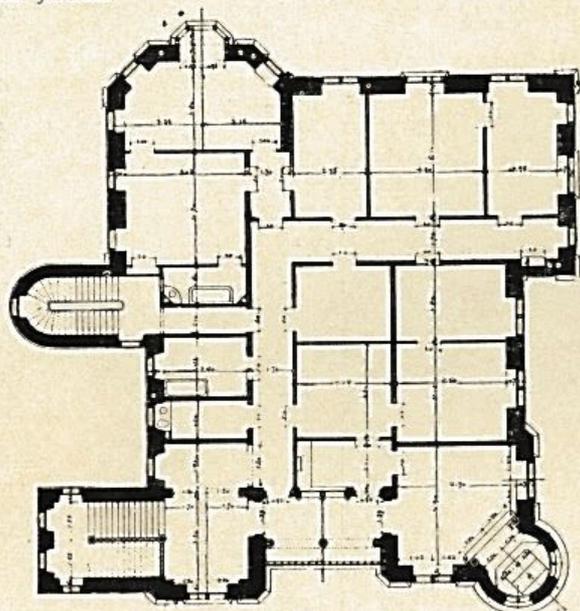
Emquanto que aquella em que se abre a porta principal é a mais equilibradamente movimentada, como convinha á sua gravidade de frontão, a que olha, a poente, a encosta da serra que, n'esse ponto, sobe aos galgões ficando-se em macissos de arvores agrestes, essa é mais revolta avançando



Capella

ao meio, fortemente, n'um corpo mais saliente que lembra um botareo ou contraforte que, d'esse lado, a escorasse. Para traz,

á altura do primeiro pavimento, corre um terraço, grande e amplo, como a ante-câmara espaçosa que convinha á payzagem que d'elle se descobre. E a respectiva fachada, movimentada em largos e rythmicos planos, harmonisa-se o melhor possível com o horisonte sobre que deitam as aberturas das suas janellas.



Planta do primeiro andar

Em detalhe, toda a construcção é um mimo. Exteriormente, o arco abatido que emoldura a porta dupla de entrada, arco em que se ergue um balcão coberto, constitue, no seu conjunto, um motivo delicioso em que Monteiro affirma, simultaneamente, o seu valor de constructor e de artista. D'uma grande simplicidade, casando-se admiravelmente com a restante fachada de que esse motivo é a parte central e principal, as columnas que, n'elle, entram, sem deixarem de representar a sua função structural, de suporte, são d'uma graça e leveza incomparaveis, e a maneira como Monteiro deu a maxiuma côr, sem volumes excessivos, a esse detalhe da fachada, é tambem uma affirmação, e boa, da sua valia.

Internamente, se Monteiro teve a collaboração de Manini e Leandro Braga que, sobretudo na sala de jantar, mostrou quão grande era o seu valor de tecnico e artista, a sua direcção advinha-se em toda a parte, ainda mesmo n'um ou n'outro ponto em que a phantasia de Leandro Braga, sentindo-se mais á vontade, se expandiu por isso tambem mais livre e acentuadamente. Desenhador d'um tal valor que, ainda hoje, é lembrado como tal pelos seus companheiros do atelier Pascal, Monteiro, sem prejudicar a visão de Leandro Braga que era o primeiro a respeitar, detalhou até á ultima, sempre que o julgou necessario, qualquer pormenor em que Braga interveio e que Monteiro entendia estar dentro da sua alçada. No resto, Braga, subordinando-se ao plano geral, fez só o que a sua consciencia de artista lhe ditou. E assim, a obra dos dois, se por vezes se funde, funde-se sempre em virtude do esforço consciente de ambos, não trazendo por isso prejuizo a um ou a outro, mas antes dando-lhes mais lustre e gloria.

*
* *

O parque que, como já dissemos, é obra de Nogré, é uma maravilha. Com o Polixénes do «Conto d'Inverno» de Shakespeare, que dizia que «a arte que ajuda a natureza é a arte superior porque é, por assim dizer, ainda a natureza», o sr. Nogré fez o seu jardim Biester no estylo da paysagem, limitando-se, sempre que lhe foi possível, a acabar a obra principiada pela natureza, e isso sem esquecer a casa que o jardim tinha de enquadrar. N'esta orientação, traçou-lhe todas as ruas e alamedas de forma a fazer valer, de todos os lados

e o melhor possível, a silhueta geral do edificio. Ora avultando em pittorescos maçissos, ora ondulando, naturalmente, sem outra cobertura além da que lhe dá a herva cuidadosamente aparada, o parque valorisa-se assim com o mesmo principio de sobriedade que caracteriza, na alternação dos espaços nus e decorados, o estylo romanico. E, correndo em todos os sentidos, ao longo das tres faces posteriores da casa, que umas vezes quasi desaparece sob a massa dos seus tufos, outras surge desafogada, e ainda outras apparece enquadrada e recortada da folhagem, esta offerece-se, por esta fórma, continuamente, a quem a olha de fóra, como um elemento sempre original e novo.

JOSÉ DE FIGUEIREDO

-o-
NOTAS

Distribuição da Casa Biester

Pavimento terreo.

Cosinha, dispensa, casa de jantar dos creados, garrafeira, arrecadações, etc.

Andar nobre (rez-do-chão)

Casa de entrada ou vestibulo, salão, casa de jantar, sala de bilhar, gabinetes.

Primeiro andar.

Capella e sachristia, quartos de cama, de vestir, de banho e outras dependencias.

Na casa Biester, collaboraram as seguintes pessoas: mestre Costa, tendo por encarregado de carpinteiros seu sobrinho Carlos da Costa Soares, ambos de Cintra. Este ultimo, quando aquelle se impossibilitou por doença, substituiu-o como mestre da obra até final, mostrando a sua muita competencia.

Os estuques são de Domingos Antonio da Silva Meira: a escultura em madeira de Leandro Braga e a pintura decorativa de Luigi Manini, excepto o arauto que se vê na entrada que é de Baeta, tambem distincto pintor. A guarnição em ferro forjado da grande chaminé da sala de jantar é de José da Quinta, artista de serralheiro de grande valor.

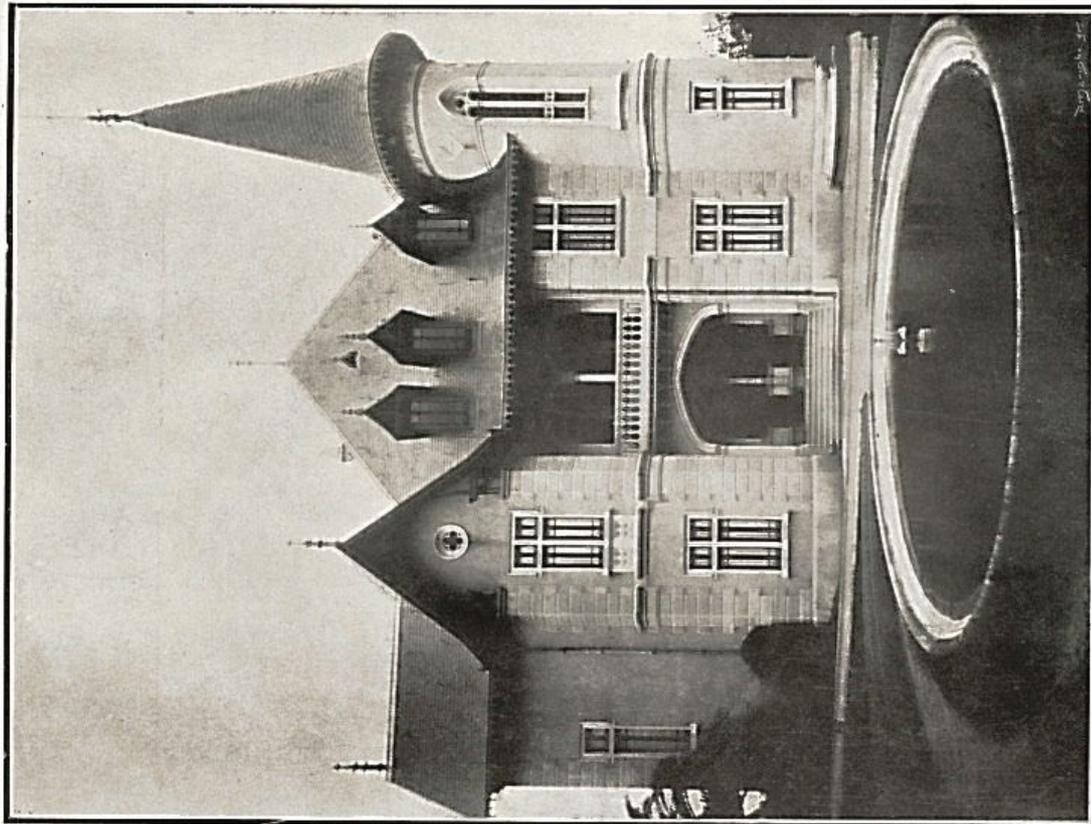


Um trecho da escada do andar nobre para o 1.º andar

A absoluta necessidade que houve de desenvolver a parte artistica e litteraria sobre tão importante obra de arte, como a que hoje publicamos, fez com que tenha de ficar retirado para o proximo numero um artigo do illustre escriptor sr. Abel Botelho, do que lhe pedimos desculpa.

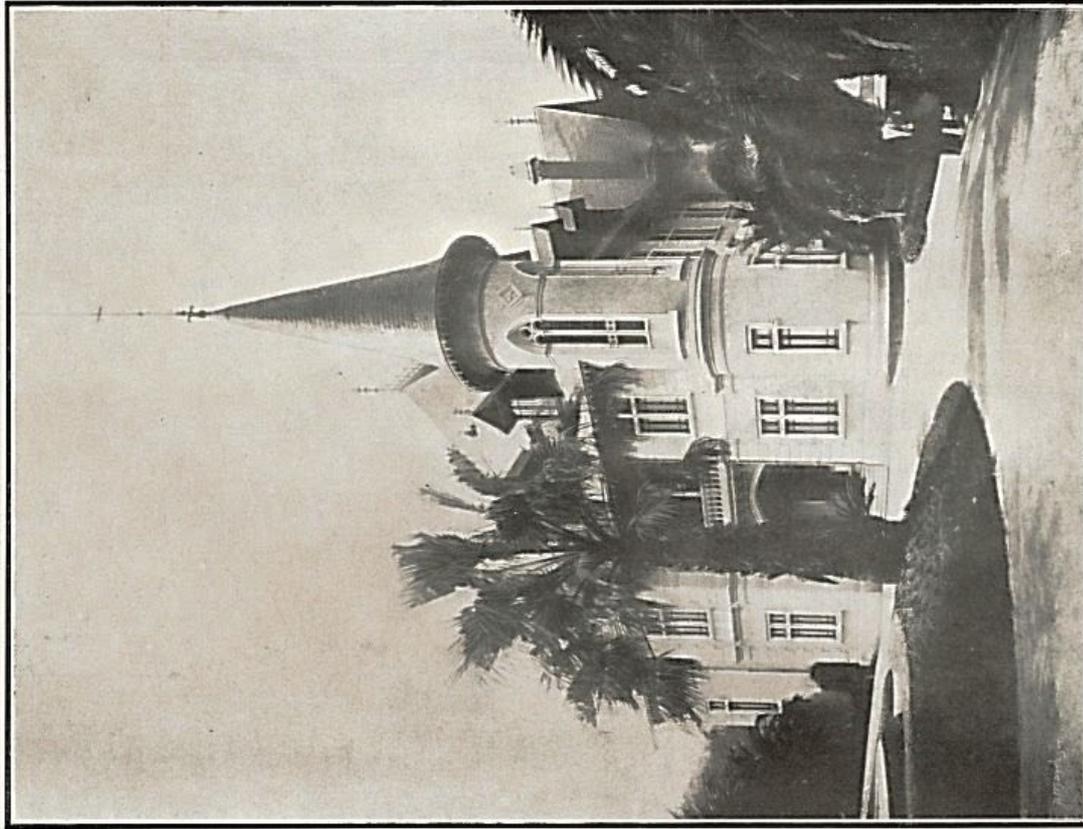
CASA BIESTER, EM CINTRA

(Hoje pertencente á Ex.^{ma} Sr.^a D. Claudina Chamiço)



FACHADA PRINCIPAL (NORTE)

ARCHITECTO: JOSÉ LUIZ MONTEIRO



FACHADAS (NORTE E POENTE)

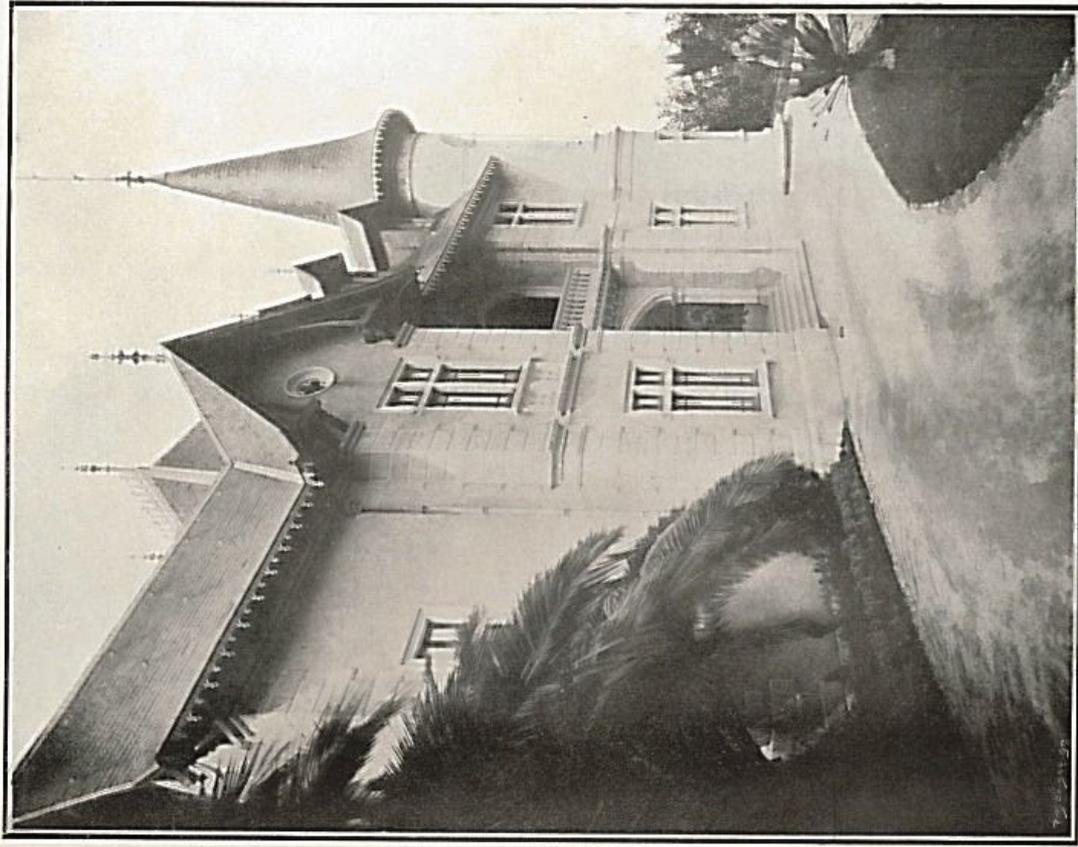
CASA BIESTER, EM CINTRA

(Hoje pertencente á Ex.^{ma} Sr.^a D. Claudina Chamiço)



FACHADA DO NASCENTE

ARCHITECTO: JOSÉ LUIZ MONTEIRO



FACHADA PRINCIPAL (NORTE)